

OPORTUNIDADE FUGAZ

Luiz Carlos Bresser Pereira
(*Folha de S. Paulo*, 7/8/93)

Abstract: "Empresários pedem medidas urgentes contra a inflação", informa a Folha de ontem. Esta notícia é apenas um sintoma de uma grande mudança nas expectativas dos agentes econômicos. Há três meses atrás um novo choque contra a inflação era impensável. Falava-se, ou em conviver com ela, ou em reduzi-la gradualmente. Hoje ninguém mais tem coragem de defender o gradualismo, muito menos de propor a convivência com a inflação.

"Empresários pedem medidas urgentes contra a inflação", informa a *Folha* de ontem. Esta notícia é apenas um sintoma de uma grande mudança nas expectativas dos agentes econômicos. Há três meses atrás um novo choque contra a inflação era impensável. Falava-se, ou em conviver com ela, ou em reduzi-la gradualmente. Hoje ninguém mais tem coragem de defender o gradualismo, muito menos de propor a convivência com a inflação. A necessidade de uma ação firme e corajosa tornou-se imperiosa. A censura branca contra quem falava em um novo plano desapareceu. A pergunta não é mais se é necessário ou não um choque, mas como será o plano e quando será implementado.

Essa mudança deve-se em grande parte ao próprio Ministro. Fernando Henrique em nenhum momento falou em choque, mas seu compromisso com a verdade e sua franqueza o levaram a não prometer que a inflação cairia gradualmente. Fernando Henrique sempre deixou claro que, *primeiro*, faria um ajustamento fiscal, e, *depois*, atacaria a inflação. A sociedade compreendeu sua mensagem e agora começa a cobrar uma ação mais decisiva. É claro que essa cobrança nem sempre é clara. Que o medo de um choque continua presente. Mas não tenhamos dúvida. A cobrança existe.

Diante dessa cobrança Fernando Henrique e sua equipe têm três possibilidades. Ou resistem a ela, procurando realizar o cronograma conforme haviam inicialmente se proposto, deixando a estabilização para 1994; ou

cedem a contragosto, aplicando um choque sem convicção; ou aproveitam o clima favorável e conduzem a sociedade a um acordo social que sirva de base para a estabilização. É óbvio que a terceira alternativa é a melhor.

Será, porém, que esta é uma alternativa realista? Não acabaram os trabalhadores, nesta lamentável batalha em torno da lei salarial, de dar uma demonstração de que não estão maduros para o diálogo? Não creio. Os líderes sindicais foram obrigados a jogar para a platéia, já que se encenara um grande espetáculo. Estabilização, entretanto, não é teatro. Acordo social não se faz em público. Os principais líderes dos trabalhadores e dos empresários devem se encontrar a portas fechadas com o governo. Ouvir com rigorosa discrição as propostas. Discutir tudo o que for necessário. E em seguida assumir a responsabilidade pelas decisões tomadas perante seus liderados. Em qualquer hipótese, a liderança geral caberá ao governo. A liderança e a responsabilidade. Mas não há razão para pensar que os líderes classistas não sejam também capazes de assumir seu papel e uma situação tão grave como aquela que estamos vivendo.

O fato é que existe hoje uma oportunidade para o governo. Para Fernando Henrique e para Itamar Franco. Porque eles terão que ser solidários nesta grande empreitada. Uma oportunidade que é impossível dizer quanto durará. Apenas sabemos que as verdadeiras oportunidades são sempre fugazes. São como alguém que está se afogando mas seu companheiro tem uma última chance de segura-lo pelos cabelos.